

GT 06 – Educação Popular**EDUCAÇÃO POPULAR E TRANSGERACIONALIDADE:
UMA PRÁTICA EDUCATIVA EM SAÚDE À LUZ DE PAULO FREIRE**

Cíntia Jaqueline Rodrigues Bezerra Galiza (UFPB)

No percorrer do processo da aprendizagem humana ao longo da vida, a ciência contemporânea nos mostra que o ser humano não é alguém que se apresenta alienante do processo social, ao contrário, ele se mostra ativo dentro do processo de construção de sua própria aprendizagem (HANNOUN, 1998). “Todo ato de conhecer produz um mundo. [...] Todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer. [...] Tudo que é dito é dito por alguém” (MATURANA & VARELA, 1995, p. 68; 69).

Para Álvaro Vieira Pinto, em sua obra *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, afirma que “o homem como ser vivo é obrigado a investigar a natureza” (1979, p. 419). Isso decorre em virtude de que o ser humano é possuidor da tomada de consciência¹ e que tem por qualidade a virtude da intencionalidade, ou seja, que pode exercer ações deliberativas.

No animal preza a evolução inconsciente e no homem preza a representação consciente e o processo da linguagem e da subjetividade. “O homem é o único ser que na duração da vida individual revela-se capaz de criar novos conhecimentos” e repassar aos próximos indivíduos que nascem utilizando de instrumentos complexos e grandiosos (PINTO, 1979, p. 422).

O processo da aprendizagem é inato ao ser humano e é construída e reconstruída, expressas e sentidas pelas diversas vivências, pela experiência vital. Freire (1996, p.26; 27) coloca

¹ Tomar consciência é realmente refletir sobre os fatos, as situações, as circunstâncias da vida. É pensar sobre elas. É fazê-las falar. Para que a consciência apareça, requer que o ser humano torne as imagens como próprias.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

Ensinar é um exercício de diálogo, de troca, de compartilhamentos de idéias, de conhecimentos, de aprendizagens, de reciprocidade. Na obra de Paulo Freire intitulada *Paulo Freire ao Vivo* afirma que:

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade, ou a perdem, não podem se aproximar do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Nesse lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão buscam saber mais (1983, p. 95).

Quando encontramos um educador que enfoca a reciprocidade do saber (professor; profissional de saúde; mãe, pai; educando; filho) o que acontece então? Surge no intermédio desse diálogo uma aprendizagem diferente, ampliada, integral. “A montagem conjurada pelos sentimentos envolve uma contribuição ativa vinda de dentro do cérebro, disponível desde cedo no desenvolvimento, e a idéia de que o nosso cérebro é uma tabula rasa já perdeu credibilidade há muito tempo” (DAMÁSIO, 2011, p. 89)².

A aprendizagem também é expressa através da corporeificação. O corpo não tem como funcionar de forma descolada das práticas de ensino, da expressão da vida. Agir, ensinar, aprender estão ligadas a liberdade do pensar. Eu sou na prática o que penso. A teoria e a prática das idéias caminham juntas e são inseparáveis. O ser, estar, fazer necessitam caminharem lado a lado por um percurso integral. Freire (2006, p. 92), acrescenta abaixo suas investidas a respeito do corpo:

[...] o corpo é o que eu faço, ou talvez melhor, o que eu faço faz o meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, memoriza a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo também se constrói socialmente.

² Apropriar-se de suas próprias imagens mentais. Se elas tem dono, os donos precisam conhecê-las (DAMÁSIO, 2011).

A noção de corporeidade é apresentada por Merleau-Ponty (1999) como uma forma mais abrangente para referir-se à unidade entre a mente e o corpo. O corpo não deve ser reduzido a um objeto regido por leis da mecânica clássica, ao contrário, deve ser compreendido a partir da experiência vivida, posto que é o meio primordial de comunicação do ser humano com o mundo. Nesse sentido, faz-se mister a necessidade de reaprender e compreender melhor o mundo e a vida humana circunscritos no movimento de sua existência.

Segundo estudos da psicanálise, da biologia, da epigenética (MULLER e PRADO, 2008) e da neurociência (cada um a partir de uma perspectiva diferente); todos os seres humanos trazem dentro de sua estrutura biológica (genética), uma aprendizagem inata. Logo, os bebês, trazem desde o ventre materno uma capacidade para absorver os elementos externos num processo de aprendizado. Uma das formas que o feto aprende é através das emoções sentidas pela mãe.

Ao nascer, o processo de aprendizagem se amplia ainda mais. A criança começa a sentir o vento em seu rosto, o calor de suas roupinhas, o toque de sua mãe, o afeto de seus familiares. Tudo isso gera aprendizagem.

A primeira vista, com o olhar ofuscado pela realidade, temos a impressão de que só aprendemos a ser “cidadãos” na escola comum ou na universidade (locais de acúmulos de saberes científicos fidedignos). Introjetamos que a figura do professor é aquele ser único, detentor do conhecimento, o qual, só ele sabe e os educandos não podem contribuir em nada na sua construção do conhecimento. O educando tem a obrigação de sentar e ouvir o que o professor diz, é extinto a capacidade de criar e de questionar, privilegia a teoria e abdica da prática.

Esse exercício do comportamento de “transmissão de conhecimentos” ofertada pelo professor às crianças que estão no ensino básico acaba se disseminando até elas chegarem às universidades. Esses estudantes, quando graduados, saem das universidades felizes, achando que conseguiram aprender tudo, “só” porque os professores passaram informações.

No entanto, na verdade, os recém formados não aprenderam o que era mais importante durante todo o período de sua formação acadêmica e de convívio com seus ilustres mestres professores: pensar e refletir sobre as teorias que lhes foram apresentadas ao longo do seu curso, formular questões resolutivas para situações inovadoras apontadas, sobre como agir na prática cotidiana do trabalho, sobre como atuar diante do novo, do desconhecido.

É preciso ter um cuidado para que os recém formados saiam das universidades ativos em seu pensamento, na reflexão, na idéia, no agir, na iniciativa, na criatividade e, que, tomem

consciência de que muitas das respostas para suas dúvidas podem estar escritas nas vidas delas e das pessoas que estarão em sua volta.

Cito como exemplo, a prática cotidiana em serviço de certos profissionais da área de saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas) que apresentam um vasto conhecimento sobre assuntos relacionados à sua formação acadêmica, porém, em relação a valorização dos saberes de seus ancestrais, a experiência de seus familiares, e, sobretudo, a própria sabedoria adquirida ao longo de seu conhecimento vivencial são deixadas de lado.

O ser humano não é uma máquina permeada por vários itens de ferramentas isoladas e separadas. Ele é formado por um conjunto de sistemas. E cada sistema funciona conectado a outro sistema, em total harmonia, sintonia, homeostase. E é essa interconexão que gera no próprio ser humano a capacidade de aprender ao longo da vida, pois todo o corpo aprende; as células, a pele, a mente, a consciência, a alma (DAMÁSIO, 2011).

Com ênfase, a nossa problemática diz respeito a dificuldade encontrada por parte do trabalhador de saúde, em ampliar a sua prática profissional com a inclusão de aspectos para além do fazer teórico científico das academias, mas, fazer com ele enxergue seu paciente como ser “aprendente” da vida, possuidor de uma história familiar, com experiência de vida, singularidades, de conhecimentos prévios, de práticas diversas, de afetos, assim, como ele o é também.

Dentro da perspectiva do conceito de Maturana & Varela (1995) o conhecimento é algo biológico; a vida é conhecimento. O conhecimento pertence a própria vida. Ele não está fora da pessoa, ele está dentro de cada ser humano. O conhecimento compreende em um processo de autoorganização do indivíduo que se dão através e nas relações que acontecem. E são as exigências internas emitidas pela mulher e pelo homem que se organizam o conhecimento. Como bem coloca Freire (2003, p. 79) “ninguém nasce feito. Vamo-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte”.

Hoje, no Brasil, existem regulamentações específicas no âmbito da saúde pública que direciona as práticas de formação em saúde dentro de uma perspectiva integrativa e complexa do ser humano, podemos citar a portaria de número 1996 do ano de 2007 que regulamenta sobre a implantação da Política de Educação Permanente em Saúde, a qual a prática pedagógica problematizadora e contextualizada com a realidade vivencial promove uma aprendizagem completa e dinâmica, além de solução de problemas das dificuldades apresentadas de forma coletiva e considerando todos os sistemas a sua volta (COSTA NETO, 2000).

A fundamentação desse leque de sentido foi dada a partir das fortes experiências exitosas do grande educador Paulo Freire que alicerçou e foi o primeiro que sistematizou as promissoras idéias e práticas da educação popular e, que até hoje, são referências para inúmeros países.

Para Norbert Elias (1970) em seu livro *Introdução à Sociologia* ele apresenta uma reflexão sobre como é interessante inserir a completude dos sistemas do ser humano – pessoa e a sociedade se integram em uma só. O que acontece concomitantemente na vida humana, de maneira errônea, é enxergar o ser humano como algo separado do que se configura como a estrutura social, que são os diversos espaços os quais estamos intrinsecamente conectados, envolvidos e ativos.

A crítica construtiva que Elias (1970) traz é que não se pode entender a sociedade como uma reificação ou, entender os espaços sociais como parte externa do indivíduo. Pois do que é feito a sociedade se não de indivíduos? Então, por que tratá-la como externo a nós? Veja suas colocações na íntegra:

[...] os instrumentos convencionais com que pensamos e falamos são geralmente construídos como tudo aquilo que experienciássemos como externo ao indivíduo fosse uma coisa, um 'objecto' e, pior ainda, um objecto estático. Conceitos como 'família' ou 'escola' referem-se essencialmente a grupos de seres humanos interdependentes, as configurações específicas que as pessoas formam umas com as outras. [...] É usual dizermos que a sociedade é a 'coisa' que os sociólogos estudam. Mas este modo reificante de nos exprimirmos levanta grandes dificuldades, chegando por vezes a impedir a compreensão da natureza dos problemas sociológicos (ELIAS, 1970, p. 14).

Interessante, então, é compreender o espectro da sociedade de outra maneira, de forma ampliada e não segmentada, fragmentada e ingenuamente egocêntrica. Ou seja, o eu (ego individual) como centro de uma determinada configuração específica e, os demais espaços sociais, estando localizados fisicamente em cima ou acima do ego individual. Os seres humanos estão conectados com suas famílias, escolas, cidades, estratos sociais através de teias de interdependência. “Entre essas pessoas colocamo-nos nós próprios” (ELIAS, 1970, p. 16).

Seria restrita então, a idéia de que a educação só ocorre no espaço escolar. A educação pode e ocorre ao longo de toda a vida humana, nos mais diversificados espaços sociais. A sociedade foi que elegeu, prioritariamente, a escola como espaço de aprendizagem.

TRANSGERACIONALIDADE: UM ELEMENTO QUE PODE SER PROMOTOR DE APRENDIZAGEM NO SER HUMANO

Para Hugo Assmann (1999) educar compreende não apenas ensinar algo a alguém, mas, promover situações que o processo de aprendizagem possa florescer para todos os envolvidos. O educar constitui-se num processo relacional, não ocorre unilateralmente. É preciso que ocorra o despertar do aprendente mediante sua própria experiência do conhecimento.

Esta experiência acontece através de vivências personalizadas de aprendizagens que ocorrem entre os processos vitais e os processos cognitivos. O reencantamento da educação nos dias de hoje, como nova estratégia educacional, necessita da união entre dois elementos importantes: a sensibilidade social e a eficiência pedagógica.

O espaço familiar é compreendido por um forte contexto de desenvolvimento humano que promove uma educação baseada na construção de relações afetivas vinculares muito fortes entre os membros familiares que se propagam em outros diversos contextos ecológicos, sociais, políticos, econômicos (BRONFENBRENNER, 1979/1996; RODRIGO & PALACIOS, 1998). São com os membros familiares que os seres humanos estabelecem seus primeiros aprendizados, ou seja, é onde a educação também acontece.

Assim, educação diz respeito a um processo autopoiético que não se confunde com o acúmulo de conhecimento e, sim, com sucessivos processos de mudanças que permeiam todo o processo organizacional autônomo do ser humano ao longo de sua hereditariedade, sendo este último “uma conservação transgeracional de qualquer aspecto estrutural de uma linhagem de unidades historicamente ligadas” (MATURANA & VARELA, 1995, p. 106). O nosso passado, nossa história de interações estão contidas em nossa estrutura presente e que é esta que vai permitir, ou não, estas ou aquelas interações. Lembrando sempre que somos seres vivos, humanos, de linguagem, e que esta, nos permite nos descrevermos a nós mesmos e as situações diversas que acontecem a nossa volta.

A transgeracionalidade pode ser compreendida, a partir da idéia do conceito de educação como “um processo contínuo que dura toda a vida” humana e para além dela (MATURANA & VARELA, 1995, p. 29). A transgeracionalidade já vem sendo abordada pela medicina psicossomática, pela psicanálise e, recentemente, estendido a outras categorias profissionais do campo do saber científico: a psicologia, a enfermagem, a fisioterapia, o serviço social. Transgeracionalidade ou herança familiar geracional quer dizer uma transmissão de estruturas, padrões e sintomas psicológicos de uma geração a outra (EIGUER,

2007; BRAZÃO e SANTOS, 2010; HENRIQUES e GOMES, 2005). Nossos familiares fazem parte de nós e nós fazemos parte deles, subjetivamente, em inseparado (MORIN, 2011).

Wagner (2005, p. 48) traz a terminologia da transgeracionalidade social afirmando que:

[...] refere-se aos aspectos que perpassam a história e se mantêm ao longo da evolução da sociedade. Desse modo, esse conceito abrange o processo de transmissão de valores, crenças e legados sociais que vão sendo repassados às novas gerações. Isso ocorre através da definição de padrões de comportamentos esperados ou proibidos, bem como, da exigência de aceitação e comprometimento com os mesmos.

Ou seja, são aspectos que perpassam a história e se mantêm ao longo da evolução da sociedade. Compreende um conceito que envolve todo um processo de transmissão de valores, crenças e legados sociais que a todo o momento são deixados por uma geração e repassados para uma nova geração que surge.

Os padrões ou conteúdos culturais que são herdados de gerações passadas, não se apresentam intactos, imutáveis, estáticos ao longo do passar dos anos. As gerações apresentam “características peculiares que as identificam como diferentes da anterior, provavelmente, da seguinte” (BENINCÁ & GOMES, 1998, p. 179). E as transformações sucessivas na vida humana é o que permite a configuração que é dada hoje em nossa civilização, ao mesmo tempo, possibilita o desenvolvimento de nossa época.

Vale lembrar oportunamente, que, essas transformações não são obra de planejamento de uma única pessoa ou grupo de pessoas, mas corresponde a uma somatória de pessoas de várias gerações que permitem acontecerem as transformações e a constituição da atual civilização (ELIAS, 1994).

Para Falcke e Wagner (2005) existe uma complementaridade entre os valores que foram perpassados pelas gerações e os novos avanços culturais e sociais das novas famílias que estão se constituindo. As gerações jovens trazem uma transmissão cultural de seus antepassados, porém, elas podem refletir sobre determinados padrões que não lhe sejam agradáveis e que não queiram que as gerações futuras levem como legado.

Assim, elas podem tentar não reproduzir as características que lhe sejam insignificantes ou prejudiciais para o bem estar das gerações futuras. Desta forma, interrompem a transmissão buscando a alteração destes padrões desagradáveis. Essa necessidade de mudança por parte dos membros constitui como peça da construção histórica social das famílias.

O elemento transgeracional apresenta uma relação agregadora com a formação do conceito de *habitus*, esta última corresponde a uma noção filosófica antiga, mais especificamente a partir do pensamento de Aristóteles, os quais ditam que suas raízes levam ao significado de “um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta” (WACQUANT, 2007, p. 02). Wacquant (2007, p. 02-03) acrescenta ainda que

No século treze, o termo foi traduzido para o Latim como *habitus* (particípio passado do verbo *habere*, ter ou possuir) por Tomás de Aquino na sua *Summa Theologiae*. [...] Foi usado parcimoniosa e descritivamente por sociólogos da geração clássica como Émile Durkheim; Marcel Mauss; Max Weber e Thorstein Veblen. [...] A noção ressurgiu na fenomenologia, de fora mais proeminente nos escritos de Edmund Husserl, que designava por *habitus* a conduta mental entre experiência passadas e ações vindouras. [...]; por Alfred Schutz – conhecimento habitual; por Maurice Merleau-Ponty na sua análise sobre ‘o corpo vivido’ como impulsor silencioso do comportamento social. O *habitus* também se configura de [...] nos escritos de outro estudante de Husserl, Norbert Elias, que fala de ‘*habitus* psíquico das pessoas civilizadas’; e, ainda, pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

Logo, a transgeracionalidade teria a seguinte analogia ao conceito de *habitus*, sendo este compreendido como

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas ‘adquiridos numa prática anterior’ (BOURDIEU, 2002, p. 261).

É possível observar, então, que a transmissão transgeracional não se dá apenas com o processo histórico, mas, em virtude das mudanças ocorridas no seio das famílias em relação a: funcionalidade desta, seu papel, seu objetivo no ontem e no hoje, quais circunstâncias dentro dela que estão sofrendo alterações que desencadeiam este processo de transmissão. As raízes familiares na atualidade são marcadas nas memórias do homem múltiplo: biológico, psíquico, social, cultural, espiritual (SOUZA e CARVALHO, 2010; IMBASCIATI, 2004; ALMEIDA, 2010; GOMES, 2005).

FORMAÇÕES EDUCATIVAS, O ELEMENTO TRANSGERACIONAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA O AUTOUIDADO

A vida corresponde no espaço de maior possibilidade de aprender. A vida é promotora de grandes aprendizagens e mudanças que consiste em um movimento único e intransferível para cada pessoa.

O diálogo permanente entre as pessoas e com o meio ambiente é o responsável direto pelo aprender diário em nossa vida, pois aprendemos e, ao mesmo tempo, ensinamos uns aos outros. Esse aprender, nos leva ao crescimento, a ação autônoma, a liberdade e nos permite constantes mudanças. Como bem coloca a idéia de Paulo Freire (2011) afirmando que ninguém pode educar ninguém, nem mesmo a si mesmo, o que ocorre é interrelação mútua e recíproca de aprendizado entre um ser humano em comunhão com outro ser humano, mediatizados pelo mundo.

A família, neste aspecto, desempenha papel fundante, pois ela pode ser entendida como um lugar de “acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações. [...] a família é o sujeito principal das estratégias de reprodução”. Castro (2013, p. 18) reforça, afirmando que para Berger e Luckman em 1985 já entendiam, a família, como responsável pela socialização primária dos sujeitos. Essa socialização que ocorre na infância representa justamente, a interiorização de valores dos outros membros familiares que vai se constituindo paulatinamente em sua estrutura corporal e se permeia por grande significação para o sujeito envolvido.

Por este subsídeo teórico expressado até então, que desde o ano de 2009, a Secretaria de Saúde do Município de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, vem apostando em um projeto de formação educativa de promoção da saúde mental e prevenção do adoecimento dos profissionais de saúde que envolvesse a rede municipal de saúde intitulado “Curso do Resgate da Autoestima – Cuidando do Cuidador”.

Esta formação educativa tinha como estrutura basilar o fortalecimento da essência do autocuidado, que era dado através de vivências pessoais que incluísse exercícios de autoconhecimento, aprofundamento, resgate e compreensão das relações vinculares afetivas familiares dos profissionais (elemento transgeracional) com o objetivo de favorecer a diminuição do desgaste físico e mental decorrentes do quadro de stress, tensões, ansiedades, estes, provocados pelo próprio trabalho exercido (lidar constantemente com os processos de saúde *versus* doença), como ainda, em decorrência do acúmulo de problemas pessoais que desembocam, também, nas relações afetivas no espaço de trabalho.

Estas formações educativas, ainda hoje, estão sendo desenvolvidas e já se percebe alguns avanços e resultados no tocante a mudança pessoal, social e emocional dos profissionais de saúde. Isso pôde ser percebido através da própria prática profissional expressa por grande parte desses profissionais que, ainda hoje, fazem parte dos serviços de saúde que compõem a gestão da secretaria de saúde.

Esta formação educativa se deu com a realização, até a presente data, de 07 (sete) turmas, sendo as 04 (quatro) primeiras em parceria com o Centro de Referência em Saúde do trabalhador – CEREST e o Pólo de Formação Movimento Integrado em Saúde Comunitária – MISC/PB e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), este último foi responsável pela emissão dos certificados. Tais ações tiveram a parceria inicial da área temática da saúde mental no decorrer do ano de 2009 iniciando com a estruturação do planejamento estratégico para desenvolver tal proposta, como também, teve a parceria a partir do ano de 2010 da área temática das práticas integrativas e complementares, a qual está sob responsabilidade até o presente momento, ano de 2014.

Esta ferramenta; a implantação da proposta de formação educativa, sempre esteve atrelada aos princípios norteadores da Pedagogia Freiriana que tem por marco teórico veicular a possibilidade de construção de um modelo comunitário de saúde que permita a problematização do processo de trabalho em saúde, aqui em especial, segundo os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS. Este processo produziu um novo olhar sobre si, sobre as relações interpessoais e o seu processo de trabalho, através do exercício da horizontalidade e da construção participativa do bem estar comum.

PERCURSO METODOLÓGICO E RESULTADOS VISLUMBRADOS

Neste sentido, a Secretaria Municipal de Saúde no decorrer dos últimos quatro anos vem fazendo um acompanhamento do processo formativo através de uma pesquisa explanatória e descritiva, alicerçada também a uma pesquisa bibliográfica documental. Sistemáticamente, vem-se aplicando um questionário avaliativo, através do método da entrevista, para verificar a ocorrência, ou não, de mudanças na vida dos profissionais (50 profissionais por turma) tanto no aspecto profissional, quanto pessoal.

Foi construída uma pergunta norteadora aplicada antes de ser iniciado o processo de formação para verificar como se encontravam as relações de trabalho, afeto, sociais e pessoais dos trabalhadores de saúde. Refez-se a mesma pergunta ao término da formação,

compreendido no período de seis meses e, outro momento, quando completado um ano da formação.

Neste caminhar dialógico, a fala expressa dos profissionais a respeito do que a formação do ‘Resgate da Autoestima – Cuidando do Cuidador’ trouxe para a sua vivência profissional e pessoal foi a de ser considerada como um instrumento que facilitava a cooperação, a solidariedade, a competência emocional, a emancipação pessoal, a valorização das raízes familiares - o elemento transgeracional, valorização da cultura e o crescimento profissional no ambiente de trabalho (Veja abaixo no Quadro Demonstrativo nº 01).

Em concomitância com o objetivo geral a *priori* idealizado pelo projeto, foram elencados os principais comportamentos exitosos de mudança expressos pelos profissionais e avaliou-se o impacto dessas mudanças nos serviços de saúde dos três níveis de complexidade. Universo: Profissionais dos diversos níveis de atenção a saúde (Unidades Saúde da Família, Hospitais, Ambulatórios, Centros de Práticas Integrativas e Complementares, dentre outros serviços de atendimentos aos usuários da população de rua e outros projetos de ação comunitária). A amostra se deteve aos profissionais que fizeram a formação educativa supracitada.

Verificou-se, nos profissionais, que ao longo dos quatro anos de realizações desta formação educativa, ocorreram transformações significativas na vida dos mesmos e de outros envolvidos, foram elas: o aprofundamento do autoconhecimento como recurso para transformação pessoal e social; o desenvolvimento de competências afetivas; capacidade em melhor lidar com as crises provocadas pelo sofrimento cotidiano, além do resgate dos valores culturais, fortalecimento dos vínculos entre trabalhadores, usuários e a comunidade.

A prática do exercício do autocuidado impulsionou à promoção da saúde, à prevenção do adoecimento, a inclusão social, bem como, o fortalecimento das redes sociais de apoio da comunidade. No período de tempo estudado percebeu-se ainda, que os sofrimentos inicialmente expressados foram resignificados, favorecendo assim, o surgimento de competências atitudinais e que refletiram na melhora destes profissionais e dos usuários que se beneficiaram com o resultado dessas práticas inovadoras.

Quadro 01 - Demonstrativo: Curso Resgate da autoestima - Cuidando do cuidador
7ª turma (03 A 07 DE JUNHO DE 2013)

Serviços da Rede de Saúde	Formação Profissional e Nº dos Profissionais	Nº de usuários beneficiado pelas Oficinas	Expressões ditas pelos profissionais após a formação educativa
Atenção Básica (Distritos Sanitários, USF, NASF, Atenção Domiciliar)	Odontóloga 01; Enfermeira 01; ACS 07; Educador Físico 01; Fisioterapeuta 01; ACD 02; Técnica de enfermagem 04; Assistente Social 01.		“Consigo melhor lidar com os conflitos no meu ambiente de trabalho” “A relação com meu marido está bem melhor, me vejo com uma melhor autoestima” “Já consigo dizer ‘não’ para os meus filhos”
Rede Ambulatorial (CAPS AD, CAPS Cirandar, UAI (Unidade de Atendimento Infantil, PIC’s)	Pedagogo 01; Oficineiro 01; Teatrorólogo (professor de teatro) 01; Educador Físico 02; Recepcionista 01; Enfermeira 03; Terapeuta		“Percebi que a minha vida pessoal interferia em como eu agia com os meus colegas de trabalho, hoje, estou bem nos dois aspectos” “Os usuários gostam quando tiramos um tempinho na ESF para trabalharmos com o autocuidado, eles se sentem escutados pela equipe” “Sinto que a equipe está conseguindo se ajudar mais um ao outro”

	Holístico 01.		
Rede Hospitalar (Hospital Candida Vargas, Ortopedia, Valentina)	Psicóloga 04; Assistente Social 01; Fonoaudióloga 01; Fisioterapeuta 01; Enfermeira 03		“Aprendi a respeitar os meus limites” “Estou conseguindo sentir prazer em ir para o meu trabalho” “Despertou em mim, selecionar sempre um momento para eu descansar e cuidar da minha saúde”
Rede Intersetorial (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Secretaria de Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde - DAS UFPB)	Enfermeira 02; Odontóloga 01; Assistente Social 02; Educador Física 01; Nutricionista 01.		“Estou conseguindo arranjar tempo para cuidar de minha saúde, pois antes só cuidava dos outros” “Percebo que o usuário que chega até mim também está permeado por uma história de sabedoria de vida” “Ao encaminhar um usuário para um outro serviço, pergunto qual é a opinião e o sentimento dele a respeito dessa escolha” “Promoveu em mim reflexões para ampliar meu exercício profissional”
Total Geral	46 profissionais	3.592³	

Fonte: Diretoria de Atenção a Saúde (DAS) - PIC's – 2013.

As ações que foram descritas tiveram como eixos centrais: aprendizagem, expansão, consolidação e qualificação da rede de serviços de saúde com foco no cuidado integral à saúde da pessoa humana, como também, ações específicas para além dos ‘muros’ dos serviços de saúde. O enfoque foi dado sempre dentro de uma perspectiva de articulação e de matriciamento de conhecimentos (troca de saberes) no tocante a saúde mental comunitária e práticas integradoras.

³ Os profissionais que fizeram a formação tinham como prática de campo o exercício de realizar Oficinas de “Cuidando do Cuidador em seus respectivos espaços de trabalho, como forma de praticar o que vivenciaram ao longo do Curso.

O elemento transgeracional se fez presente e se apresentou em compatibilidade com a prática educativa em saúde nesta nova perspectiva defendida pelo Ministério da Saúde, pois, não tem outra forma de trabalhar o cuidado integral do ser humano, deixando a margem o cuidado com o resgate com as suas raízes familiares, históricas e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres humanos sempre tiveram a educação presente em suas vidas através das diversas ações e interações entre as pessoas, os grupos sociais, as nações. Porém, ao longo da história da humanidade, a educação foi sofrendo modificações, pois ela foi mudando, avançando, retrocedendo, evoluindo a partir do contexto da realidade posta em cada tempo histórico sendo influenciada continuamente pelas culturas a que estavam sendo constituídas.

Da mesma forma, a educação dentro do espaço familiar não foi diferente. O cuidado familiar dos seus membros para com seus filhos/as, sobrinhos/as; primos/as, outros é compreendido como um ato educativo, pois no momento em que a pessoa se dispõe a cuidar de um outro ser humano, neste momento, estabelecem as interações, os vínculos, valores, crenças, costumes, tradições, linguagem, comunicação, relações afetivas que são basilares para o crescimento e desenvolvimento saudável da criança.

Falar então, do elemento transgeracional como instrumento promotor de grandes aprendizagens no ser humano é algo a ser resgatado dentro do fazer educação popular e saúde. Hoje no Brasil, e em especial, no município de João Pessoa, já é possível vislumbrar a inserção de práticas que estejam voltadas para o autocuidado do ser humano, o enfoque para o cuidado com a valorização do trabalho com as emoções, questões vinculativas, escuta qualificada, o trabalho com uma faceta nos processos interpessoais.

Estes são formas e fazeres de novas aprendizagens, hoje, palpáveis, mesmo que de maneira ainda incipiente, porém presentes, no âmbito dos serviços públicos, da oferta de atenção ao usuário de saúde para práticas que trabalhem a complexidade do ser humano nos aspectos integrais: físico, mental, social/familiar e espiritual.

Assim, a formação educativa para o autocuidado, nesta conjuntura, compreendeu no resgate de uma nova leitura de mundo para os profissionais de saúde. A leitura para a vida, que dá em concomitância com todos os espaços sociais, afetivos, vinculares do ser humano. O foco para o autocuidado não se restringiu ao bem estar físico do corpo meramente externo, mas, a alternância entre o interno e o externo, reaprendendo a enxergar o outro, escutar o

outro, sentir o outro a partir da reconstrução de si mesmo, de suas raízes, de sua posição no mundo.

O corpo, a mente, a alma pede por reaprender a vida. E saber ler as pessoas em sua alegria, tristeza, angústia, prazer, satisfação, felicidade, amor, companheirismo, simplicidade, sorriso etc corresponde em uma educação gestora de frutos consistentes.

Existe a possibilidade, hoje, de transitar entre a relação com o que herdamos com o que adquirimos com maior tranqüilidade e propriedade, pois somos constituídos como seres geneculturais. As biociências já descobriram que os processos da vida e os processos de aprendizagem tem a mesma essência.

A prática educativa em saúde; a estratégia de formação educativa á luz da Pedagogia Freiriana ao longo do “Curso do Resgate da Autoestima – Cuidando do Cuidador”, permeou seus fios do cuidado com as idéias de uma educação popular que gestacionou nos trabalhadores de saúde que vivenciaram todo o processo formativo; a criatividade, o crescimento, a desenvoltura e bem estar nas relações pessoais e no ambiente de trabalho.

Esta prática da educação popular em saúde demonstrou ao longo do percurso de quatro anos e, que ainda se encontra em andamento - uma vez que ela continua sendo realizada -, a necessidade proeminente de ser ampliada, cada vez mais, dentro de uma perspectiva que enfoque a competência emocional, o elemento transgeracional, a conjuntura social, os saberes populares como alicerces da aprendizagem humana. O afeto, aqui, é colocado como destaque dentro do processo educacional, na terapia e na prática em saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Emília Sousa. **Uma proposta sobre a transgeracionalidade:** o absoluto. Revista *ágora* (Rio de Janeiro) v. XIII n. 1 jan/jun 2010 93-108. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v13n1/07.pdf>>. Acesso em: Agosto/ 2010.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação:** rumo à sociedade aprendente. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva & GOMES, Willian B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. In: **Estudos de Psicologia.** 3(2), 177-200, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática:** precedido de três estudos de etnologia kabila. Oeiras: Celta, 2002.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/1996.

BRAZÃO, Nádya e SANTOS, Osvaldo. **Transgeracionalidade na obesidade infantil.** Artigo de Revisão. Revista de Endocrinologia, Diabetes & Obesidade. Vol. 4 | Nº 2 | ABR/JUN 2010.

CASTRO, Carolina Lescura de Carvalho. **Entre o campo e o *habitus*:** os significados atribuídos ao *conatus* por herdeiros de uma empresa familiar. Tese (doutorado). Orientar: Mônica Carvalho Alves Cappelle. Lavras: UFLA, 2013.

COSTA NETO, Milton Menezes da (Org.). **Educação Permanente.** Brasília: Ministério da Saúde – Secretaria de Políticas de Saúde – Departamento de Atenção Básica, 2000.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem.** Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

EIGUER, Alberto. **Entrevista com Alberto Eiguer:** a família em (des) ordem. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 40(72): 11-21, jun. 2007.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70 LTDA, 1970.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do estado e civilização. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALCKE, D; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definições e conceitos. In: WAGNER, Adriana. (Org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.25-44.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire ao Vivo.** São Paulo: Loyola, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 20ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

GOMES, Izabel Cristina. **Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso.** Artigo originalmente publicado em: *Boletim de Psicologia*, 2005, vol. LV, n.º 123: 177-188.

HANNOUN, Hubert. **Educação:** certezas e apostas. Fundação Editora da UNESP. Tradução de Ivone C. Benedeti. São Paulo, 1998.

HENRIQUES, Maria Isabel Gonçalves e GOMES, Isabel Cristina. **Mito familiar e transmissão psíquica:** uma reflexão temática de forma pública. Revista *psyque* – Ano IX nº 16, São Paulo, jul-dez- 2005, p. 183-196.

IMBASCIATI, Antonio. **Um suporte teórico para a transgeracionalidade:** a Teoria do Protomental. *Rev. bras. psicanál.*; 38(1):181-201, 2004.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas do entendimento humano. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia e Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários á educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2ª Edição Revisada. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MULLER, Henrique Reichmann e PRADO, Karin Braun. Epigenética: um campo da genética. **RUBS.** Curitiba, v.1, n.3, p. 61-69, set./dez., 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. 2ª Ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

RODRIGO, M.J. & PALACIOS, J. **Familia y desarrollo humano.** Madrid: Alianza Editorial, 1998.

SOUZA, Carmen Lúcia Lavignede; CARVALHO, Margareth Azi de. **Padrões transgeracionais repetitivos que incidem nas relações familiares.** Orientadora: Maria Angélica Vitorano. Centro de Estudos de família e de casal – CEFAC, Porto Alegre, 2010.

WACQUANT, Loic. Esclarecer o *Habitus*. **Revista Educação & Linguagem.** Ano 10, nº 16. -63-71, jul-dez, 2007.

WAGNER, Adriana. **Como se perpetua a família?:** a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.